[miolo] Vozes do passado - 05.indd

VISIT...

LANZAROTE Caliente.COM

[miolo] Vozes do passado - 05.indd

MARCOS DEBRITO • MARCUS BARCELOS
RODRIGO DE OLIVEIRA • VICTOR BONINI

VOZES DO JOELMA

OS GRITOS QUE NÃO FORAM OUVIDOS

APRESENTAÇÃO: TIAGO TOY

FARO EDITORIAL

Vozes do joelma

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 1

23/07/2019 16:25

Marcos DeBrito

Marcus Barcelos

Rodrigo de Oliveira

Victor Bonini

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 2

23/07/2019 16:25



Vozes do

joelma

O S G R I TO S Q U E N Ã O F O R A M O U V I D O S

Apresentação

Tiago Toy

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 3

23/07/2019 16:25



copyright © faro editorial , 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **pedro almeida**

Coordenação editorial **carla sacrato**

Preparação **cristiane saavedra e tuca faria** Revisão **alessandra justo**

Capa e projeto gráfico **osmane garcia filho** Imagem de capa **ico yuji | editora abril** Imagens de miolo **shutterstock**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vozes do Joelma : os gritos que não foram ouvidos

/ Marcos Debrito…[et al.] — São Paulo : Faro Editorial, 2019.

288p.

ISBN: 978-85-9581-088-4

1. Ficção brasileira 2. Incêndio - Ficção 3. Edifício Joelma

– Incêndio i. Debrito, Marcos

19-0490

cdd b869.3

Índice para catá logo sis te má tico: 1. Ficção brasileira b869.3

1a edição brasileira: 2019

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por faro editorial

Avenida Andrômeda, 885. Sala 310

Alphaville – Barueri – sp – Brasil

cep: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

www.faroeditorial.com.br









Deixe-me dizer que não sou convencional. Não espero que com-

preendas tudo da primeira vez porque não pertenço ao seu mun do, mas tudo de mais grave que acontece nele tem parte comigo.

Teu olfato mundano, distinto do meu, não é capaz de sentir o perfume de carne queimada. O ferver do sangue antes que os músculos derretam sob glândulas e nervos, e a essência que daí emana carrega um pouco de mirra, cálamo, até mesmo algo de canela.

No fundo, sei que são apenas saudades de quando o corpo dos teus iguais era puro, de quando o palato não trazia traços de tabaco adulterado ou notas dos venenos presentes nos víveres modernos.

É incompreensível que os mortais desejem corromper a própria matéria com prazeres tão mesquinhos. O fascínio pela dor seria o nó que nos aproxi-

maria, mas a dissimulação em tua natureza faz de mim uma criatura muito mais íntegra que ti quando se trata de saciar os próprios desejos.

Os povos antigos queimavam madeiras, ervas e especiarias em rituais de comunhão com os deuses, e também para banir espíritos que acredita-

vam serem malignos. Do alto de sua ignorância, não desconfiavam

quão equivocados estavam. Os deuses ouviam, sim, mas nós, ah!, nós não éra-

mos afastados com esses cheiros. Eram como o bálsamo a nos indicar uma trilha diretamente a vocês.

Tua carne é frágil: apodrece, incha e pode ser cortada como banha de porco, mas é quando ela queima que meu estômago se anuncia.

Há aqueles de nós que preferem os afogados e os que se deleitam com

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 7

23/07/2019 16:25

corpos despedaçados, mas eu, particularmente, prefiro minha carne mais bem-passada.

Não vou me desculpar por manter meu nome em segredo, pois estou além dos preceitos dos homens e, por isso mesmo, parecer descortês aos teus olhos não me afeta. De toda forma, há um acordo entre os meus: não revelamos nossas identidades, porquanto palavras têm poder e nomes são informações muito valiosas. Mas não se aborreça e nem nos procure: somos nós que os encontraremos.

Caso atravesses o véu sozinho – quer por velhice, alguma enfermidade ou acidente – é provável que sejas recebido por algum subalterno, pois só me interesso quando há intensidade de aromas. Prefiro as grandes tragé-

dias, o sofrimento e a dor coletivas que se traduzem no banquete anunciado pela última batida do coração.

No entanto há um detalhe que pode me fazer parecer pretensioso – e talvez eu de fato o seja: a mim são destinadas somente as almas que sucum-

bem em desgraças provocadas por atos vis do próprio ser humano. Não tenho poder sobre aqueles que deixam o plano físico devido a doenças do corpo ou outras causas naturais. O quê? Não acha justo almas boas con-

quistarem um encontro comigo só pelo fato de terem vindo a mim pelos atos de outrem? A vida não é justa.

Não sei precisar se essa particularidade advém da minha origem ou se foi adquirida ao longo de minha jornada. Engana-se, porém, aquele que me responsabiliza por elas, pois não induzo ser algum a nada pelo qual ele não anseie. Continuas a ser o senhor de tuas escolhas. O destino que te guia é outro: desde a tua concepção, uma miríade de caminhos é apresen-

tada diante de teus olhos. Poderás crescer no ventre de uma família abas-

tada, minguarás com pais miseráveis ou não terás família alguma. Serás agraciado com um corpo saudável ou terás a desventura de nascer enfermo.

Não importa. O mundo continuará sendo o mesmo, e ninguém se preocu-

pará genuinamente com tuas lástimas. Na verdade, serão tuas escolhas que ditarão teu percurso e traçarão o teu destino.

A vida é incompreensível ao ser humano, e o Universo é infinitamente hostil aos interesses dos homens. Não controlo tuas ambições, mas não estranhe o orgulho que se revela neste meu sorriso, pois minha existên-

cia milenar possibilitou que eu me aperfeiçoasse na arte da manipulação

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 8

23/07/2019 16:25

das peças certas. Não posso simplesmente esperar. Assim, movi grandes Reis, saltei com os mais rápidos Cavalos, destruí incontáveis Peões. Basta encontrar o ponto fraco, aquele onde a estratégia falha, e voilá!, resta-me a tarefa de me fartar à mesa após a queda da Torre.

Para chegar a esse ponto, todavia, é preciso despertar o mal, que deve germinar e crescer em vós – e isso requer cuidados. Dedicação.

Quando tua intuição te faz crer que um lugar é maligno, provavel-

mente estás certo. Na verdade, não precisas do meu olfato para sabê-lo, somente um mínimo de sensibilidade. O mal que detectas não

nasceu ali, mas foi semeado e impregnou-se pela intervenção humana – não nossa.

Pelo menos, não diretamente.

O mal, por incrível que pareça, não é endógeno ao homem, mas sim desencadeado por suas fraquezas: ambição, inveja, ganância, que são planta-

das pelos semelhantes. São essas máculas que abrem os canais pelos quais sussurramos e as fendas pelas quais o mal penetra. São como fechaduras que esperam pela chave que girará as engrenagens do espírito. O rangido das dobradiças enfraquecidas simplesmente prenuncia a chegada do que já aguardava, há muito, nas sombras.

Descrever minhas características seria interessante – se eu ainda con-

seguisse rememorar meus traços. Presenciei a queda de impérios, a ruína de civilizações e o desaparecimento de cidades inteiras, e talvez o número de almas que devorei tenha contribuído com a minha transmutação. Não minto ao dizer que não tenho certeza, pois há segredos até para mim. O

fato é: tenho muitas formas, e as escolho de acordo com a ocasião.

Já vesti hábitos, vestes puídas, correntes engorduradas pelo suor da labuta forçada. Intento passar despercebido, sem alarde, somente para tro-

çar das crenças dos fracos. Há, porém, momentos em que olhos frios de máquinas conseguem captar minha imagem vagando, como aconteceu nos corredores de um local tocado pela desgraça – falaremos dele mais tarde.

Essas engenhosidades contemporâneas nos pegam desprevenidos, mas é por meio da superfície brilhante desses equipamentos modernos que vós propagais as palavras que difundem a nossa existência. Porém, nada vos sacia: a dúvida retorna e vós quereis mais, sempre mais.

Apesar de distintas, há sempre uma semelhança entre todas as minhas formas. Assim como vocês são mutáveis, meus artifícios também o são.

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 9



Numa das vezes em que fui avistado nos corredores escuros desse prédio dito assombrado, carregava um molho de chaves, tilintando na cadência dos meus passos. A pessoa que me enxergou provavelmente não reteve a minha aparência – da qual eu mesmo mal me recordo –, mas ela levará para sem-

pre o som metálico das chaves ressoando, meu recurso predileto por serem capazes de abrir a porta pela qual o mais profundo mal entra e se instala.

No fim dos anos 1940, encontrei uma dessas fechaduras aqui, neste terreno cujas chagas purulentas, rasgadas por homens carregados de maldade, sangravam desde tempos imemoriais. Abri-la não foi das lidas mais árduas, confesso, mas como foi saboroso o banquete a mim servido nas entranhas daquele poço! Embora minha preferência seja por carne quei-

mada, a fragrância levou-me ao êxtase

A fechadura encontrava-se na nuca de um rapaz, que não opôs qual-

quer resistência às minhas investidas. Pobre, torturara-se por suas próprias inseguranças. O lar em que cresceu teve uma parcela de culpa: sem uma figura paterna e com distúrbios próprios, uma mãe católica fervorosa cuja religião apagou qualquer traço do carinho e irmãs que existiam no sangue, mas não na cumplicidade.

Em suma, as escolhas são responsabilidade de quem as faz.

Pablo fez as dele.



[miolo] Vozes do passado - 05.indd 11

23/07/2019 16:25



Marcos DeBrito

Os Mortos Não PeRDoam



1.

Terça-feira, 23 de novembro de 1948

Destoando dos bem-cuidados jardins dos antigos casarões que ocupa-

vam os arredores do Bixiga em São Paulo, um poço improvisado des-

figurava o quintal dos fundos de uma residência na rua Santo Antônio com a avenida 9 de Julho, devido aos mais de cinco metros cavados pra baixo da grama.

O cheiro da terra escura que começava a ser retirada pelos inúmeros homens fardados no local anunciava uma atrocidade na iminência de ser descoberta.

Os policiais da Delegacia de Segurança Pessoal acompanhavam o trabalho incessante dos bombeiros. Haviam sido avisados após a denún-

cia de vizinhos sobre o estranho comportamento de Pablo Ferreira de Camargo e sobre a pouco convincente morte de sua mãe e irmãs em um acidente de automóvel.

Nada poderia preparar os que aguardavam do lado de fora do buraco para a hedionda visão do que estava prestes a surgir.

Das profundidades da enorme cratera, o primeiro corpo — enrolado em lona preta e com a cabeça coberta por um pano encardido — alcançou a superfície, alastrando ainda mais o cheiro de putrefação.

Antes que os demais cadáveres revelassem o triplo homicídio, o estrondo súbito de um disparo, que ecoara de uma arma de fogo entre as paredes da casa, roubou a atenção dos policiais e curiosos.

2.

Quinta-feira, 4 de novembro de 1948

Faltavam poucos minutos para o ponteiro das horas passar da meia-noite.

Mergulhado na água barrenta de uma banheira encardida, um homem sujo de terra e dopado por uma dose exagerada de sedativos extirpava a lembrança do que fizera.

Pablo, 26 anos, era assistente no laboratório de Química da usp e tra-

ficava sua automedicação às escondidas sem que o professor titular da matéria notasse sua dependência.

A placidez no olhar sonolento não demonstrava culpa, apenas can-

saço. Permitiu-se relaxar por alguns instantes, e as pálpebras cortinaram as vistas, convidando-o ao repouso.

O silêncio na casa era tão inebriante quanto a droga que corria nas suas veias. Nunca experimentara um banho quente regado a sossego.

Ninguém o apressava para sair ou criticava suas ações. Sentia-se final-

mente livre das amarras que o prendiam a uma vida de subserviência imposta pela matriarca opressora e irmãs autoritárias.

A solidão permitiu-lhe imaginar que as suas noites ao lado da mulher que elas tanto hostilizavam seriam regadas a luxúria. Não teria mais que engolir calado o veneno do preconceito que lhes escorria da boca ao cus-

pirem o seu desdém.

Para Pablo, a morte daquelas com quem dividira o cotidiano enfadonho parecia trazer apenas vantagens. Os seus lábios se arquea-

ram de satisfação, e um suspiro libertador o fez afundar o queixo na água turva.

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 14

23/07/2019 16:25

A paz reinava no taciturno casarão. O luar atravessava as janelas para desenhar as sombras dançarinas das cortinas balançando ao vento.

Até os ruídos mais baixos podiam ser escutados: o estridular dos grilos no jardim, os insetos em busca de sangue no corredor...

O choro feminino no banheiro...

Assustado, o homem ergueu o tronco de imediato e olhou na direção do gemido. De pé, sob o batente da entrada, agasalhados pelo breu, esta-

vam os cadáveres descorados das suas irmãs. Presas à maldição de uma morte violenta, pranteavam em dolorosos sussurros.

O calor da banheira não foi suficiente para conter o calafrio que per-

correu sua espinha ao ver Maria Fernanda e Amélia devolvidas pela terra.

A mais velha trazia o rosto coberto por um guardanapo de pano escuro enquanto a caçula, agarrada ao braço da irmã, esfregava uma das mãos no vestido ensanguentado para tentar limpar o barro da sua roupa de sair.

Encharcadas de lama e sangue, o choro penado das almas em luto ecoava pelos azulejos, corrompendo a sanidade do rapaz.

Agoniado pela ausência do fantasma que ele mais odiava, esbravejou:

— Aparece, velha maldita!

A sua bravura terminou junto com as palavras que foram exorciza-

das em um ímpeto de fúria. Ao ver o rosto da mãe emergir da banheira, arrependeu-se de ter invocado aquela visão tétrica que o fez fraquejar.

Como Maria Fernanda, o defunto pálido de dona Berta também tinha a cabeça embrulhada por uma mortalha. Entretanto seus dentes amare-

lados e o olhar rancoroso, em cujas escleras viam-se os vasos estoura-

dos, mostravam-se por entre as tramas do tecido retalhado, dando-lhe um caráter monstruoso que, junto a lamúria das mortas, amplificava o terror da hedionda imagem do trio de espíritos.

Num movimento brusco, a velha esticou os braços por trás da nuca do filho e o puxou para dentro da água, na intenção de afogá-lo.

Pablo acordou de sobressalto e tentou recuperar o fôlego, inalando de uma só vez quase todo o ar do recinto num grave ronco. Esfregou o rosto com movimentos estabanados à procura das almas ressentidas que queriam a sua companhia no mundo dos mortos.

Não havia choro nem assombrações. O único ruído que incomodava a tranquilidade noturna era o assobio do vento entre as frestas das janelas, 15 –

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 15

23/07/2019 16:25

e a presença que o encarava da porta era a de um pequeno cão encardido de barro, que parecia julgá-lo com seu olhar entristecido.

Era a primeira vez que ele entrava na casa após as defuntas terem sido enterradas no jardim.

Incomodado pela maneira como o animal o observava, Pablo arre-

messou-lhe a esponja cheia d’água, afugentando-o.

Sozinho, remoeu a falha de ter se ajoelhado ao vício quando não devia. Sua compulsão por entorpecentes não apenas o fizera cochilar sem querer durante o banho como também o arremessara em um estranho pesadelo que pareceu real.

As visões dos fantasmas vingativos da mãe e das irmãs ainda o per-

turbavam. O cadáver macilento de dona Berta na banheira, de Maria Fer-

nanda aos prantos na escuridão do banheiro, e de Amélia, que tentava

limpar a saia do seu vestido, o mantiveram acordado até o nascer do sol.

3.

Terça-feira, 2 de novembro de 1948

A jovem Amélia, de 19 anos, fazia carreira como datilógrafa na Facul-

dade de Filosofia, mas a sua verdadeira paixão era o jornalismo de buti-

que. Quando em posse do último exemplar da principal revista de moda do país, corria para a sessão dos famosos guiada pelo sonho de um dia virar notícia.

Era feriado de Finados, e ela podia passar a folga do trabalho no balanço do quintal, distante da realidade cotidiana atrás de uma máquina de escrever, imaginando-se nos vestidos mais caros da publicação nas suas mãos.

A fantasia de ser convidada para os bailes da alta sociedade ganha-

vam vida no jardim. O gramado tornava-se a pista de valsa dos palace-

tes na avenida Paulista, e o embalo das cordas no brinquedo equivalia ao

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 16

23/07/2019 16:25

pedido de algum cavalheiro solteiro de ascendência aristocrata chaman-

do-a para dançar. O seu maior desejo era usufruir de um dos prestigiados sobrenomes dos nobres que desfrutavam a devoção dos tabloides — por causa dos antepassados gloriosos que rasgaram as matas de São Paulo —

ou dos industriais abonados de família italiana.

O recorrente devaneio de algum dia conseguir incorporar um ele-

gante *Matarazzo* ou *Alves de Lima* ao seu enfadonho *Camargo* teve fim

nos berros alentados da sua mãe:

— Sai desse balanço, Amélia! Vem ajudar a pôr a mesa.

Na cozinha, dona Berta enchia o pote do cão com a mesma comida que serviria à família. Ela gastava todo o seu sorriso e simpatia com o animal, reservando aos demais a sua carranca. Na disputa pelo seu amor, todos sabiam que o cachorro viria sempre em primeiro lugar.

Maria Fernanda, de 23 anos, já estava sentada à mesa. Diferentemente da irmã mais nova, fora dispensada de trabalhar e dos afazeres domésticos, pois sua epilepsia trazia frequentes crises motoras e de ausência.

O exagero nos cuidados com a sua doença refletia-se no comportamento mimado e na ausência de filtro nas palavras, principalmente com relação ao irmão mais velho:

— O Pablo não vem logo porque está se enfeitando pra se encontrar de novo com aquela balconistazinha de mercado.

— Essa moça só vai deixar seu irmão em paz depois que terminar de roubar os réis que ele devia estar pondo aqui dentro. — A mãe complementou o desprezo da filha sem perceber que o filho descia as escadas.

— Já faz mais de cinco anos que a moeda mudou para cruzeiros. Se nem isso a senhora consegue aprender, quem sou eu pra tentar mudar esse seu juízo atrasado? — Chegou o rapaz cheirando a perfume.

Ao vê-lo, o cão da família começou a latir. A hostilidade que sempre demonstrava era uma maneira de criticá-lo tanto quanto Berta, que o enchia de paparicos.

Irritado com o barulho, Pablo foi até a sala para ajeitar o bigode com os dedos em frente ao espelho do mancebo. Aproveitou para provocar a irmã:

— E a Isaura é assistente de enfermagem no Hospital das Clínicas, Maria. Se ela trabalhou como balconista foi porque tinha que se sustentar

após a morte do pai. Nem todo mundo tem a sorte de morar com um irmão mais velho que paga as contas.

— Pablo! — dona Berta repreendeu-o pela crítica. — Volta aqui e senta, que a comida já esfriou de tanto ficarmos te esperando.

— Comam vocês. Estou atrasado para encontrar a Isa.

— A *meretriz* — desdenhou Maria Fernanda para que o irmão a escutasse.

Cansado de engolir os recorrentes insultos que faziam à namorada, Pablo pisou forte até a cozinha e aumentou a voz:

— Pois saiba que é com essa *meretriz* que irei me casar e que moraremos aqui, sob este teto! Se não gostarem, mudem pra baixo do Viaduto do Chá, porque cansei de gastar todo meu salário nesta casa e ainda ter que ouvir piadinhas toda vez que falo da Isa!

— Essa moça não é *direita*, Pablo! — A mãe não se abalou com as ameaças do filho e combinou as suas críticas ao latido insuportável. — O seu pai jamais aprovaria um matrimônio com *mulherzinha* dessas, falada por aí que já se deitou com outros rapazes.

— Que bom que morto não dá opinião — despejou o insulto com ares de advertência. — E faz esse seu maldito vira-lata ficar quieto! — Retirou-se, batendo com força a porta de casa.

4.

Sexta-feira, 12 de novembro de 1948

Contavam-se oito dias desde que a residência número 104 da rua Santo Antônio perdera as vozes femininas que preenchiam os seus corredores.

A casa jazia silenciosa na sua nova atribuição: passara a ser o mausoléu das mulheres da família Camargo.

Juntamente com os cadáveres que apodreciam no poço, Pablo

soterrara o preconceito contra Isaura. Estava livre para viver a plenitude do seu amor.

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 18

23/07/2019 16:25

Destrancou a porta da frente e entrou na casa com a namorada.

Ousado, encostou-a na parede da sala e beijou-lhe demoradamente o pescoço.

Ao baterem o quadril no mancebo, o assoalho rangeu.

— Elas vão acordar — sussurrou Isa, sem afastar os lábios do amante, que arrepiavam-lhe a pele.

— Ninguém vai incomodar.

Ela sorriu e permitiu que as mãos dele explorassem seu corpo esguio no uniforme branco.

— Pablo... Não vamos dar mais um motivo pra sua mãe.

Ele a ignorou.

Inebriado pelo perfume da garota e pela liberdade de poder sucum-

bir aos seus desejos sem nenhuma inibição, o rapaz ergueu-lhe a saia e desafivelou o cinto de sua calça de gabardine.

— Não, Pablo. Para. A gente não pode. Ela vai escutar.

— A velha chata não está aqui. Nem as minhas irmãs.

— Mas... E se chegarem? — insistiu, angustiada.

— Não vão...

— Aonde elas foram? — Isaura segurou a mão que já estava entre suas pernas.

Pablo mordiscou-lhe o lóbulo da orelha, deixou escapar um sorriso safado e soltou o discurso que praticara tantas vezes em frente ao espelho:

— Foram viajar. — Afagou-lhe os cabelos. — Eu as levei à Júlio Pres-

tes pra pegar o trem faz alguns dias.

— A sua mãe, que mal sai de casa, foi viajar?

— Resolveram visitar um tio meu que mora no Paraná.

O rapaz percebeu que sua mentira alimentava os contornos da des-

confiança no olhar de Isaura.

— Puxa vida, Isa. Achei que gostaria de passar a noite aqui comigo, sem os olhos da minha família sobre a gente. — Exagerou no drama para deixá-la com peso na consciência e, assim, livrar-se do inquérito. — Mas vi que a surpresa não foi tão boa. Prefere que eu te leve pra casa?

— Não. — Passou os braços sobre os ombros do namorado e mordeu a isca. — Eu disse pra mamãe que entro bem cedo amanhã e que iria dor-

mir na casa da minha irmã, que é mais perto do hospital.

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 19

23/07/2019 16:25

— É? — Pablo entrou na brincadeira. — E o que a dona Francisca pensará de mim se descobrir?

— Hmm... Talvez ela pare de encher os meus ouvidos com elogios sobre como você é um rapaz educado e de fino trato.

— Acho que vou correr esse risco!

Ele ergueu-a do chão, e Isaura abraçou-o com as pernas. Seus lábios se encontraram e não desgrudaram até tombarem, apaixonados, na cama do quarto dele no andar de cima.

* * *

O som pornográfico dos corpos atracando-se disputava espaço com os gemidos escandalosos a portas abertas.

Como provocação aos anos de retraimento no seu aposento, sem-

pre cauteloso para que as guardiãs da moral não o escutassem, Pablo fez questão de forçar o quadril num vaivém acelerado e impetuoso, sentindo prazer a cada batida proposital da cabeceira na parede.

Após a tórrida noite de libertinagem sem receios, ainda que a nudez dos seus corpos suados tivesse recusado as cobertas, o calor obrigara o casal a adormecer de janela aberta.

A chuva fina e a brisa leve que refrescavam o bafo noturno trouxe-

ram consigo, de entre as paredes, o mesmo choro baixo que Pablo escu-

tara na madrugada após o crime. Despertado pelo receio de um novo delírio, vasculhou o quarto com o olhar em busca dos fantasmas, mas encontrou apenas as sombras que a madrugada projetava nas paredes.

O pranto parecia ecoar em comunhão com o vento, que flamulava a cortina, e com as gotas, que compunham uma canção de notas molhadas sobre o telhado.

Pablo caminhou em direção ao sopro orvalhado vindo de fora e reco-

nheceu as entranhas do poço como berço daquele lamento sombrio.

Sóbrio, restava-lhe a esperança de que o que ouvia nada mais era que um resquício de algum pesadelo, pois a mera possibilidade de aquilo estar acontecendo de fato trazia-lhe calafrios.

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 20

23/07/2019 16:25

O cachorro, fiel sentinela, olhava as profundezas da cova e abanava o rabo, como se esperasse receber um carinho.

Sem que Pablo notasse, uma silhueta feminina distinguiu-se na penumbra do quarto. Calada, a estranha figura caminhou ao seu encon-

tro e tocou-lhe o ombro com a mão suja de barro.

Ele virou-se com o coração a ponto de sair pela boca. Era Isaura.

— O que tem nesse poço? — Examinou o que o seu namorado obser-

vava tão longamente.

Ainda recuperando-se do susto, voltou a encarar o jardim, tomado pelo medo irracional de que algo pavoroso pudesse surgir da terra onde estavam os cadáveres.

Atento, buscava o som que o acordara, porém seus ouvidos só escu-

tavam a respiração que chegava quente à sua nunca.

— É um reservatório d'água que mandei fazer pra... — Virou-se para Isaura, mas ela não estava lá.

Ao voltar os olhos para a cama, viu-a entregue a um sono profundo, como se nunca tivesse saído dos braços de Morfeu. Cismado sobre como ela retornara tão depressa, Pablo esquadrinhou paredes, teto e chão antes de também deitar-se.

Suspenso no instante em que a vigília e o sono se misturam, franziu a testa ao lembrar-se da inusitada alegria do cachorro.

* * *

O cansaço de uma noite banhada em prazeres obrigou os apaixonados a dormirem até mais tarde. Nem mesmo a claridade que atravessava a cor-

tina, devorando o breu do quarto, os fez abandonar o conforto do colchão.

Como Isaura somente tinha que bater o ponto começaria apenas perto do almoço, aproveitou para estender o tempo na cama por algumas horas. Quis ter certeza de que estaria com a energia renovada para auxi-

liar os doentes no hospital, onde aplicaria medicamentos e faria a triagem dos pacientes até tarde da noite.

Devido aos acontecimentos da noite passada, Pablo, por ter custado a cair novamente no sono, só abriu os olhos quando Isa terminava abotoar o uniforme de enfermeira.

— Te pego mais tarde? — Mal espreguiçara-se e tropeçara naquele sorriso lindo.

— Duas noites seguidas é abusar da ingenuidade da mamãe. — Ela virou-se para ele e endireitou o cós da saia que a encobria até as canelas.

— E minha irmã também não vai ficar defendendo as minhas histórias pra sempre. Está lembrado do nosso jantar com ela na quinta?

— Como esqueceria da dona Francisca?

Ele irradiava felicidade. Era a primeira vez que podia observar a namorada se arrumando sem que tivesse que apressá-la para não ser vista pelas familiares enxeridas que queriam controlá-lo.

— E se a gente casasse? — Deixou a cargo do impulso dar voz à euforia.

— Não ganho o suficiente pra comprar uma casa. — Voltou-se ao espelho no armário e ajeitou o chapéu branco sobre os cabelos, sem levá-lo a sério. — Nem você.

— A gente pode morar aqui. Só vou dar um jeito no poço e faremos uma festa de noivado no jardim.

— Que poço?

— Aquele que você viu da janela quando acordou de madrugada com a garoa.

— Garoou? Nem percebi. Dormi feito pedra.

O rapaz estranhou, pois recordava-se bem de que Isaura havia, inclusive, questionado sobre a cratera no quintal.

— Além do mais... — Terminou de passar o batom. — É melhor não ir se acostumando com essa liberdade toda, porque logo, logo a sua mãe estará de volta. — Aproximou-se e deu-lhe um beijo na testa. — Não esquece de trancar a porta depois que eu sair.

Acompanhou-a com os olhos até que descesse as escadas, mas a única

coisa em que Pablo conseguia pensar era na nítida presença de Isaura ao seu lado quando ouvira o estranho som que ecoara do fosso.

Ainda mais urgente do que desvendar aquele enigma seria apode-

rar-se da criatividade de um dramaturgo para contornar sua mentira sobre a

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 22

23/07/2019 16:25

viagem ao Paraná. Uma ação sobre os defuntos deveria ser tomada antes que alguém desconfiasse do sumiço de dona Berta, Maria Fernanda e Amélia.

* * *

Pablo não estava com fome, mas a ansiedade fazia-o raspar alguns res-

tos requentados, que secaram e foram esquecidos nas panelas em cima do fogão. Apesar da ausência da mãe e das irmãs à mesa, sentia a mesma sensação desagradável de quando estava diante delas, pois o buraco aberto no gramado que ele enxergava pela janela impedia-o de abando-

nar a presença invisível dos familiares a quem tanto desprezava.

Além de ter que inventar um motivo plausível para explicar o desaparecimento das mulheres, o comportamento sempre vigilante do cachorro, que encarava o fundo da vala como se lá estivesse enterrado o seu osso mais precioso, incomodava o rapaz. Parecia um enfeite de jar-

dim, com as suas orelhas em constante alerta e com o focinho apontado para a cova, feito uma seta indicando a prova do crime.

Impaciente, largou os talheres e saiu para ver de perto o que tanto chamava a atenção do animal. Ao observar do alto as profundezas do poço, notou que o barro molhado não encobria o nariz e a boca escan-

carada de um dos cadáveres, que parecia buscar em vão um sopro aos pulmões pelos rasgos do pano sujo. A terra sobre o rosto deslizou e reve-

lou-se o defunto carcomido de Berta, que, mesmo morta, parecia enca-

rá-lo com seu olhar opaco por entre os furos do tecido.

Ao identificar sua dona no leito subterrâneo, o cachorro mostrou os dentes para o rapaz e começou a rosnar, mas Pablo não se intimidou, pois o tamanho tacanho do animal de colo afastava o medo de que ele pudesse apresentar alguma ameaça pior do que o irritante latido estridente.

Os piores insultos ganharam o quintal na voz do homicida, que pra-

guejou aos quatro ventos pelo desfavor de os homens contratados para fazer a perfuração terem também levado embora boa parte do solo que haviam escavado.

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 23

23/07/2019 16:25

Correu de volta à cozinha e, na despensa, procurou algo que pudesse usar para juntar terra suficiente para ocultar a parte do cadáver que insis-

tia em ver a luz do dia. Encontrou uma pequena pá de jardinagem com ponta, que teria que servir até pensar em algo melhor.

Prestes a cruzar a saída dos fundos, Pablo ouviu a campainha. Ele travou e ficou em silêncio, na esperança de que o visitante fosse embora, mas logo vieram as batidas na porta.

— Berta?! Abre essa porta, mulher. Estou ouvindo você aí dentro!

O rapaz percebeu que era a dona Carmem pela voz de tabagista, a vizinha atrevida com quem a sua mãe costumava fazer feira nos finais de semana. Ela parecia determinada a aporrinhar-lhe os ouvidos até que a porta se abrisse. Para evitar que a velha suspeitasse de algo, respirou fundo e foi atendê-la.

— Chama a sua mãe pra mim. — Entrou e foi em direção à cozinha, como se fosse de casa.

— Ela saiu, dona Carmem. — Tomou a frente para evitar que ela olhasse o quintal.

— Saiu? Lógico que não saiu! Nossa visita aos túmulos no Consola-

ção é sagrada. Tenho certeza de que a Berta não iria esquecer o aniversá-

rio do teu finado pai.

O relacionamento entre Pablo e a mãe era tão frio que ele não sabia que as viúvas compartilhavam uma tradição anual. Enquanto faziam o papel de esposas em luto, as duas aproveitavam para fofocar sobre os acontecimentos na vizinhança.

— Quando acordei a casa já estava vazia.

— Me serve um copo de água, então, que vou esperar a Berta voltar de onde quer que tenha ido. — Entregou-lhe a bolsa e sentou-se à mesa, para desespero do rapaz.

— Ela deve demorar. Mas aviso que a senhora esteve aqui. — Pablo tentou devolver-lhe os pertences quando os latidos frenéticos chamaram a atenção de Carmem para o lado de fora.

— O que houve com o jardim pra ficar feio desse jeito?

— O... jardim? — Uma comichão gelou a sua espinha. — O que tem o jardim?

— Aquilo é um buraco? — Carmem levantou-se da cadeira para ver melhor pela janela.

Com uma das mãos na testa, Pablo começou a embaralhar-se em explicações:

— Sempre tive essa ideia de ter uma fábrica pequena no terreno pra aproveitar melhor o espaço no quintal. Mandei fazer um poço artesiano porque a nossa caixa d'água não ia dar conta.

— A Berta concordou com isso? Ela sempre me fala como a Amélia adora ficar nesse balanço. E agora está todo sujo de barro!

— Tem mês que o meu salário vai quase todo nos remédios da Maria

Fernanda. Como ela não pode trabalhar, e a Amélia está mais preocupada em ficar lendo revista do que ajudar em casa, pensei em uma maneira pra aumentar a renda da família. Mas já comecei a tapar de volta, só que fal-

tou terra.

— Mal começou um negócio e já vai desistir, menino? — A vizinha se virou para ele com a crítica ferina. — A sua mãe bem que fala dessa sua falta de comprometimento com as coisas.

Com aquele comentário a velha quase tornou-se o quarto defunto no quintal. A raiva que Pablo nutria por Berta cresceu ainda mais ao confir-

mar as suspeitas de que ela o maldizia para os vizinhos.

— Não é isso, dona Carmem. Não encontrei água no terreno.

— Me deixa ir lá ver.

A intrometida cruzou a porta dos fundos, apesar do protesto:

— Não precisa... Dona Carmem!

Antes que Pablo conseguisse contornar a mesa, a idosa já estava a meio passo do buraco. Quando a viu chegar na beira da cova e olhar para baixo, sentiu que a pá em sua mão pudesse ser usada como uma faca.

— Isso não é um poço... — disse, sem notar que o rapaz se aproxi-

mava, pronto para perfurar suas costelas.

Pablo quase alcançava a boca da mulher para abafar seus gritos, quando ela se virou:

— É uma cisterna.

— O quê? — Escondeu a ferramenta nas costas.

— Poço artesiano é mais fundo. Se quiser tirar água com isso daí, vai ter que arrumar uma bomba.

Carmem voltou para a cozinha seguida por Pablo, que não conseguia entender como ela não vira os detalhes do cadáver..

— Vou pedir pro meu filho vir dar uma olhada. Ele, que é enge-

nheiro, saberá melhor do que eu o tipo de equipamento que pode dar uma boa vazão de água pra essa sua tal fábrica.

— Agradeço a preocupação, mas não precisa — afastou a possibili-

dade de mais alguém analisar a cena do crime e pensou em uma desculpa para fazê-la ir embora: — Prometi à minha mãe que terminaria de tapar o buraco antes de ela voltar de viagem.

— Ué! A Berta não tinha saído? — dona Carmem estranhou a mudança de versão.

Pego na própria mentira, ele gaguejou:

— D...desculpa, dona Carmem. Recebemos um telegrama com a notí-

cia de que o meu tio havia falecido, e esqueci que ela iria hoje cedo pro Paraná com as minhas irmãs pra ficar com a família. Saíram antes de eu acordar.

— Nem pra levar a sua mãe até o trem? — Balançou a cabeça, conde-

nando a falta de consideração. — A Berta deve estar arrasada. Você devia ter ido pra ficar ao lado dela numa hora dessas.

— A minha mãe preferiu que eu ficasse pra tomar conta do cachorro.

— Empurrou de volta para ela a bolsa que estava na mesa. A indireta para ir embora serviu para que percebesse que sua presença ali não era benquista.

— Só não esqueça de falar pra sua mãe passar lá em casa assim que voltar. — Pendurou a alça no ombro e caminhou até a saída, monitorada de perto por Pablo. — E quando for escrever pra Berta, diga-lhe que esta-

rei rezando pelo irmão dela.

— Ela ficará muito feliz, dona Carmem. — Arqueou os lábios num sorriso falso enquanto abria a porta.

O cachorro chegou à sala, latindo como se implorasse para que a visi-

tante não fosse embora. Ela lançou um olhar de reprovação ao rapaz e não o poupou de uma nova crítica:

— Pelo menos faça o que a sua mãe lhe pediu e cuide direito do bichinho! Do jeito que está aí se esgoelando, o coitado deve estar mor-

rendo de fome.

— Eu estava pra encher a vasilha antes de a senhora chegar. Então, se me der licença... — Empurrou-a para fora com uma gentileza ensaiada e bateu a porta.

Aliviado por estar livre da companhia indesejada, chutou o cão baru-

lhento para longe e, ao averiguar as entranhas do poço, verificou que o que estava no barro não era o rosto da sua mãe assassinada, e sim uma folha seca, que o vento provavelmente carregara até o buraco.

Pablo, que não era de acreditar em fantasmas, presenciara aconte-

cimentos que embaralhavam-lhe o julgamento. Jurava ter visto o cadá-

ver pálido de Berta na terra, mas a realidade o confrontava com algo bem mais crível do que a ideia de espíritos vingativos querendo prejudicá-lo.

Que o motivo de ter enxergado seus familiares mortos fosse o can-

saço, resquício das drogas no sangue ou simples imaginação, algo pre-

cisaria ser feito antes que descobrissem o cemitério clandestino que o gramado se tornara.

* * *

Sentado de frente para o poço, elucubrando diferentes alternativas para livrar-se das defuntas, Pablo perdera completamente a noção do

tempo.

Cortá-las em pedaços para depois descartar os membros em diferentes partes da cidade seria muito trabalhoso. Queimá-las, com a desculpa de estar limpando o terreno, produziria muita fumaça e alguém poderia cha-

mar os bombeiros, que encontrariam as carcaças esturricadas. A saída que lhe parecia mais plausível era enrolar os corpos em lençóis, colocá-los no carro e presentear a fauna do rio Tietê, o que envolveria escavar o barro que pesava sobre eles. Ainda que os poceiros tivessem levado embora grande parte da terra dos cinco metros escavados, ao menos dois ainda precisariam de algumas horas de esforço físico.

Para não ser pego de surpresa por vizinhos durante a furtiva remo-

ção das defuntas, teria que removê-las na madrugada. Mas a penumbra que escurecia o terreno junto ao sol que deitava no horizonte também atraía o cansaço.

[miolo] Vozes do passado - 05.indd 27

23/07/2019 16:25

Pablo medicou a fadiga com um banho morno e deitou-se na cama.

Na luta contra a hipertensão, injetou anfetamina na veia e aguardou a chegada da energia que o ajudaria a retirar a mãe e as irmãs do fundo do buraco.

Em sua cabeça, buscou validar o ato do homicídio com a lembrança das recorrentes brigas que tivera com a mãe por causa da namorada, a epilepsia de Maria Fernanda e a futilidade narcisista de Amélia, que pas-

sava horas no balanço do jardim sonhando em estampar as páginas da revista *O Cruzeiro*. Ele sabia quando a irmã mais nova estava perdida na fantasia de uma vida regada pela fama no momento em que escutava o vaivém das cordas no quintal.

Era esse mesmo som que parecia estar vindo do lado de fora.

A adrenalina fez Pablo abrir os olhos e levantar-se da cama. Ao che-

gar à janela com vista para os fundos do casarão, viu resvalado pelo

luar o balanço de Amélia ir e vir, sem explicação.

Como o cachorro não estava por ali, quis culpar o vento, mas as folhas das árvores permaneciam paradas. A brisa da noite não era a res-

ponsável pelo misterioso impulso que fazia o brinquedo ir para frente a para trás como um pêndulo.

Sob o seu olhar abismado, o balanço tomou impulso e a intensidade dos movimentos aumentou, como se algo invisível usasse o próprio peso para se divertir.

Até que parou, de uma vez.

Desvairado, pôs a mão no rosto e fechou bem os olhos, querendo expurgar a provável alucinação motivada pelo uso da droga. Acreditou ter pulado o estágio inicial da agitação para mergulhar de uma vez no da psicodelia.

O medo assumiu o controle quando ouviu rangerem as dobradiças da porta no andar de baixo que dava para o jardim. Por não admitir a alternativa sobrenatural, atribuiu o movimento visto no terreno à passa-

gem de algum ladrão que, agora, invadia a casa.

Cauteloso, foi até o quarto, abriu o criado-mudo ao lado da cama, alcançou a pistola calibre 6,35mm e viu que um único cartucho descan-

sava no carregador. Seis tiros haviam sido disparados tinha pouco mais

de uma semana, e outro ainda antes, durante um experimento contro-

verso na faculdade que lhe rendera uma advertência de demissão.

Pablo deslizou pelo assoalho com passos leves e chegou à escada.

Desceu com extremo cuidado para não estalar os degraus em madeira e espiou os cômodos por detrás das paredes.

Apesar de não haver indícios de que alguém tivesse invadido na casa, a porta que dava acesso ao jardim pela cozinha estava escancarada e o cão descansava tranquilamente ao lado da poltrona preferida de dona Berta.

Com a pistola em riste, aproximou-se da saída. Cada passo lento fazia seu coração querer arrebentar a gaiola de ossos no peito.

Respirou fundo e hesitou por alguns segundos antes botar o rosto para fora com a mira no quintal e o dedo no gatilho.

Não viu nada além da mansidão noturna: não havia nenhum rastro de que algum animal pudesse ter visitado o gramado ou sinais de arrom-

bamento na tranca.

Sem motivos concretos para crer que estivesse em perigo, reco-

lheu-se, mas, por precaução, decidiu não arriscar ser visto desenterrando cadáveres durante a madrugada.

Ao fechar a porta, o brinquedo ao lado do poço tornou a balançar.

5.

Segunda-feira, 1º de novembro de 1948

No prédio anexo ao palacete da alameda Glete, Pablo trabalhava como assistente do dr. Kauffmann, professor titular de Química na Universi-

dade de São Paulo. O rapaz conseguira o almejado cargo logo após se formar e desejava substituir o seu mentor algum dia, mas seu sonho se tor-

nava cada dia mais distante devido a suas experiências pouco ortodoxas.